

Testando seu gaydar: gênero, sexualidade e estereótipos nos discursos do entretenimento

Maria do Rosário Rôxo

Lucas de Oliveira Rosa da Silva (*)

Introdução

O YouTube é, atualmente, a plataforma de vídeos mais acessada no mundo, com bilhões de usuários ativos¹. Neste ambiente digital, destaca-se a ampla circulação de conteúdos voltados ao entretenimento leve, como vídeos de “desafios sociais” e dinâmicas de relacionamento, que têm conquistado grande popularidade entre o público jovem. Essas produções, embora estruturadas como brincadeiras, frequentemente envolvem julgamentos baseados em aparência física, comportamento e identidade, ativando discursos normativos sobre gênero e sexualidade. Um exemplo emblemático desse tipo de conteúdo são os vídeos que exploram o chamado “gaydar”², uma dinâmica em que os participantes tentam adivinhar a sexualidade de desconhecidos com base em estereótipos visuais e corporais.

Neste trabalho, analisaremos o discurso de trecho do vídeo *Testando seu Gaydar Ft. Ismeiow e Ranozera*³, publicado no canal NoodTV, em que jurados tentam adivinhar quem são os homens gays e quem são os héteros, apenas com base em estereótipos visuais e corporais. Partindo dessas questões iniciais, propomos uma reflexão crítica considerando a seguinte questão da pesquisa: Como discursos, aparentemente inofensivos, disfarçados de humor e entretenimento, reproduzem e reforçam matrizes normativas de gênero e sexualidade?

A proposta teórica e metodológica está ancorada nos contributos de Denzin & Lincoln (2006), Moita Lopes (2006; 2022) e Bardin (2015), nos fundamentos da Linguística Queer (Livia & Hall, 1997; Borba, 2020), na teoria da performatividade de gênero (Butler, 2018), considerando as categorias de “gênero e sexualidade” não são unidades analiticamente

(*) *Maria do Rosário Rôxo* é Professora Associada IV de Linguística do Departamento de Letras e Comunicação (DLC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e membra dos Grupos de pesquisa “Linguagem, Ensino e Trabalho” (LET_UERJ) e “Linguagem & Sociedade” (UERJ). *Lucas de Oliveira Rosa da Silva* é graduando em Letras: Português/Inglês/Literaturas e bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (PICV) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

¹ De acordo com o DemandSage, atualmente a plataforma conta com mais de 2,5 bilhões de usuários ativos.

² “Gaydar” é a junção das palavras gay + radar, que significa a capacidade de identificar e avaliar de forma intuitiva a orientação sexual de outros indivíduos, em sua maioria LGBTQIAPN+, por meio de estereótipos.

³ Vídeo completo no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=FpDWD31qO9c>

elaboradas e baseadas “na suposição de que, qualquer que seja o contexto em que está, a pessoa permanece de algum modo à estrutura definidora” (Butler, 2022, p. 42) da condição de ser pessoa, atrelada a uma condição identitária única pela via de uma matriz de norma de gênero (Butler, *op. cit.*). Neste sentido, a relação “gênero, sexualidade e identidade” é performada, compreendendo os efeitos de sentidos construídos e regulados como o modo pelo qual essa relação é desempenhada em determinadas cenas discursivas, “como uma série contínua de *performances* sociais e culturais” (PENNYCOOK, 2006, p. 80).

A análise dos registros será feita à luz da ideia de que a relação “gênero e sexualidade” manifesta indicações sobre as construções identitárias dos sujeitos, expressando “experiências discursivamente condicionadas a discursos hegemônicos, baseados em estruturas binárias” (Butler, 2022, p. 30). Como se pretende verificar, a coerção quanto a este condicionamento é realizada na relação que o discurso é atravessado por domínios de poder e por ideologias do estado liberal (Foucault, 2014; Butler, 2022). Como afirma Weedon (1987, p. 21 *apud* Borba, 2014), “a linguagem, na perspectiva pós-estruturalista que guia as teorias queer, é o lugar onde as formas reais e possíveis de organização social e suas consequências sociais e políticas são definidas e contestadas”. Deste modo, a “brincadeira” de adivinhar se alguém é gay ou hétero evidencia a força normativa da linguagem e da visualidade sobre os corpos e, portanto, sobre as identidades, sendo a construção performativa, mesmo em contextos lúdicos, investida de violência simbólica contra identidades dissidentes.

Por fim, pretende-se contribuir com a seguinte pergunta: Como a linguagem performativa, através dos discursos de gênero e sexualidade, constrói um campo de exclusão e normatização, reafirmando a matriz heterossexual e a “fachada de naturalidade e estabilidade de todas as identidades” (BORBA, 2020, p. 14).

Linguística Queer: A relação entre gênero, sexualidade e linguagem

A partir da década de 1990, surge nos Estados Unidos um novo campo de estudos voltado para questões de gênero e sexualidade: a teoria queer, campo que é profundamente influenciado pelo pensamento pós-estruturalista francês. A teoria queer tem como princípio fundamental a desconstrução das noções fixas de gênero e sexualidade, entendendo que essas categorias não são naturais ou biológicas, mas sim construções sociais, históricas e linguísticas

(Butler, 2018). Além disso, essa teoria desafia diretamente a cis-heteronormatividade⁴, ou seja, o sistema social que considera natural e obrigatório que as pessoas sejam cisgêneras, identificando-se com o gênero atribuído no nascimento e heterossexuais (BORBA, 2020).

É nesse contexto que surge a Linguística Queer⁵, uma ramificação da teoria queer que se dedica ao “estudo das relações entre língua, gênero, sexualidade e as dinâmicas de manutenção e/ou constentação de normatividades (linguísticas ou sociais)” (BORBA, 2020, p. 16). O marco inicial desse campo costuma ser atribuído à publicação do livro “Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality”, organizado por Anna Livia e Kira Hall em 1997. Antes disso, já existiam pesquisas sobre linguagem, gênero e sexualidade, porém de forma dispersa e sem uma articulação teórica consolidada.

A linguística queer, desde então, tem se expandido e se redefinido (Borba, 2020, p. 16). Destaca-se que esse campo “coloca no centro da análise linguística a regulação da sexualidade pela heterossexualidade hegemônica e as formas pelas quais sexualidades não normativas são negociadas em sua relação com essas estruturas regulatórias” (Bucholtz; Hall *apud* BORBA, 2020, p. 17). Dessa forma, compreender os usos da linguagem significa, também, compreender como ela participa na produção de normas, exclusões e violências, bem como nas resistências e subversões de identidades dissidentes.

A linguística queer não deve ser entendida como o campo de análise do discurso de como as pessoas LGBTQIAPN+ se expressam linguisticamente, mas, de acordo com Borba (2015, p. 94), como

uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e., a [cis]heteronormatividade) e a performance linguística situada e [mostra-se] assim como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macrossociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, i.e., a linguagem em uso.

Dessa forma, compreender os usos da linguagem significa, também, compreender como ela participa na produção de normas, exclusões e violências, bem como nas resistências e subversões de identidades dissidentes.

⁴ O autor Rodrigo Borba, em seu livro “Discursos transviados: por uma linguística queer” (2020), usa o termo cis-heteronormatividade, pois, de acordo com ele, a cisgeneridade tem a atenção central como pilar da heteronormatividade.

⁵ O termo Linguística Queer pode ser considerado com oxímoro (Borba, 2020, p. 16), ou seja, duas palavras/ideias com significados opostos para criar um contraste.

Língua, performatividade e gênero

A performatividade de gênero, como desenvolvida por Judith Butler (2018), se refere à proposição de que não há nenhuma essência inata de gênero, mas sim um conjunto de atos, gestos repetíveis que fazem emergir a ilusão de uma identidade interior. Para a autora, “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra.” (Butler, 2018, p. 44). Ou, em outras palavras: não há núcleo fixo interno de identidade de gênero, ela é fabricada por recurso à repetição de normas de cultura que atribuem coerência ao desejo e ao corpo. Tais gestos repetidores, como forma de se vestir, de se andar, de sorrir, de falar, são, por isso, maneira de se fazer legível dentro de uma cultura que esperava por comportamentos de corpos sinalizados como “masculinos” ou como “femininos”.

Para que essas performances se tornem socialmente inteligíveis, elas precisam se encaixar na matriz de inteligibilidade de gênero, como designada por Butler (2018). Trata-se do conjunto de regras culturais que determina quais combinações entre sexo, performance de gênero e desejo são consideradas válidas. A matriz insiste em uma coerência entre sexo biológico, gênero performado e orientação sexual (GUIMARÃES & MOITA LOPES, 2022). Assim, identidades não conformes que não se encaixam nesse alinhamento, como alguém cuja expressão de gênero é masculina, mas se identifica como mulher e sente desejo por homens, parecem incoerentes, incompreensíveis ou ilegítimas (BUTLER, 2018, p. 34-35). Essas normas funcionam de modo regulador, construindo uma imagem da “verdade” do sexo (Foucault *apud* BUTLER, 2018), como se fosse possível deduzir a identidade de uma pessoa a partir da aparência ou do comportamento. Tal sistema, segundo Butler, não só organiza o que se entende como “natural”, mas também exclui aquilo que escapa a essa lógica. Como resultado, sujeitos dissidentes frequentemente se tornam alvo de ridicularização, apagamento ou violência simbólica. Essa violência, como discutem Borba (2020) e Ferreira & Reis (2021), não precisa ser física: ela atua na linguagem, nos olhares, nas piadas e nos silenciamentos, produzindo efeitos sociais intensos.

No vídeo analisado, *Testando Seu Gaydar Ft. Ismeiow e Ranozera*, essas dinâmicas aparecem de forma evidente. A brincadeira de “adivinhar a sexualidade” dos participantes se baseia justamente na leitura de sinais corporais e de estilo, como roupas, postura, olhar e tom de voz, pelos participantes, que tentam descobrir quem é gay ou hétero a partir de estereótipos que confirmam a expectativa de linearidade entre sexo, corpo e desejo.

Por fim, percebe-se que esse tipo de discurso não é neutro: ele confirma normas culturais excludentes de forma implícita, funcionando como uma forma de regulação simbólica das identidades dissidentes.

Metodologia

Esta pesquisa se insere no campo da análise qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006), com base nos pressupostos da linguística queer (LIVIA & HALL, 1997; BORBA, 2020) e da análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2015). O objetivo é investigar de que maneira discursos sobre gênero e sexualidade operam no vídeo *Testando Seu Gaydar Ft. Ismeiow e Ranozera*, publicado no canal Nood TV, no YouTube.

Para a análise, foi realizado um recorte de 2 minutos do vídeo, que tem duração total de 35 minutos, a partir do qual foram transcritos os trechos nos quais os jurados e participantes emitem juízos explícitos ou implícitos sobre a sexualidade dos sujeitos avaliados. A transcrição foi feita manualmente e organizada com base nas orientações de Bardin (2015), de acordo com as grelhas de categorização para sistematizar os eixos temáticos emergentes.

As categorias utilizadas foram definidas com base na fundamentação teórica e refinadas a partir do corpus selecionado, priorizando enunciados que evidenciem a reprodução de estereótipos de gênero, a regulação da performatividade e a ocorrência de violência simbólica. O material foi então estruturado em uma tabela que permite visualizar em qual eixo cada fala se insere e quais construções performativas discursivas sustentam sua leitura crítica.

A escolha do vídeo se justifica por sua ampla circulação nas redes sociais e pela forma como mobiliza, de maneira aparentemente lúdica, estereótipos e expectativas sobre gênero e sexualidade. A brincadeira de “adivinhar” a orientação sexual com base apenas em aparência e comportamento performático revela-se como um campo fértil para compreender como normas de inteligibilidade de gênero operam na linguagem cotidiana, mesmo em contextos informais ou humorísticos. A análise foi conduzida em três etapas, conforme proposto por Bardin (2015):

- A. Pré-análise: leitura flutuante do material transcrito e definição das unidades de registro mais significativas;
- B. Exploração do material: categorização dos trechos conforme temas recorrentes, com foco nos marcadores de performatividade de gênero, na reprodução de estereótipos e na violência simbólica;

- C. Tratamento dos resultados e interpretação: articulação entre os dados observados e os referenciais teóricos de Judith Butler (2018), Rodrigo Borba (2014, 2020), Ferreira & Reis (2021) e etc., buscando compreender como o discurso reitera normas cis-heteronormativas.

As categorias de análise foram definidas com base na fundamentação teórica e refinadas a partir do próprio material. As principais categorias foram: (A) Estereótipos de gênero e sexualidade; (B) Performatividade e coerência de gênero e (C) Violência simbólica e exclusão identitária.

Análise de dados

A análise do corpus empírico seguiu os princípios da análise de conteúdo temática, conforme proposto por Bardin (2015), com adaptação ao campo da linguística queer. A partir da transcrição do vídeo selecionado, foram definidas como unidades de registro as falas dos jurados e participantes que envolvessem avaliações explícitas ou implícitas sobre a sexualidade dos indivíduos apresentados no vídeo. As unidades de contexto consideradas foram os momentos da interação em que essas falas ocorrem, geralmente marcadas pela justificativa das escolhas feitas com base em elementos visuais e comportamentais (roupas, postura, modo de falar, etc.).

Em seguida, as falas foram organizadas em grelhas de análise a partir de três categorias temáticas: (A) estereótipos de gênero e sexualidade; (B) performatividade e coerência de gênero; e (C) violência simbólica e exclusão identitária. Essas categorias emergiram a partir da leitura exploratória do material, em diálogo com os referenciais teóricos de Judith Butler (2018), Rodrigo Borba (2020), Ferreira & Reis (2021) e outros autores, e foram ajustadas conforme os eixos de sentido predominantes nas falas.

O objetivo da análise foi observar de que maneira os discursos produzidos nesse contexto midiático performam e regulam identidades sexuais e de gênero, por meio da linguagem, da repetição de estereótipos e da normatização da aparência. A análise de dados apresenta trechos selecionados do corpus, organizados segundo as categorias propostas, acompanhados de uma leitura interpretativa.

Foram definidas três categorias temáticas principais, cada uma com subcategorias que permitiram uma análise mais granular dos dados: Na categoria (A) estereótipos de gênero e sexualidade, identificam-se falas que associam diretamente determinadas características físicas

ou comportamentais, como roupas justas, gestos, timbre de voz ou modos de andar, a orientações sexuais específicas. Essa associação opera com base em uma lógica estigmatizante, segundo a qual certos signos visuais e corporais são tomados como indícios inequívocos da sexualidade de um sujeito, reproduzindo o que Borba (2020) denomina como efeito da cis-heteronormatividade na linguagem. A categoria (B) performatividade e coerência de gênero se refere às falas que julgam a "veracidade" da sexualidade dos participantes com base em uma expectativa de coerência entre corpo, desejo e expressão de gênero, expectativa essa ancorada no que Butler (2018) conceitua como "matriz de inteligibilidade". As falas inseridas nesse eixo reforçam uma normatividade reguladora que invalida identidades dissidentes por parecerem "incompatíveis" com seus sinais exteriores. Já a categoria (C) violência simbólica e exclusão identitária engloba os trechos em que ocorrem piadas, deboche ou constrangimentos explícitos, muitas vezes aceitos como humor, mas que operam como formas sutis, e por isso mesmo perigosas, de regulação social e exclusão de sujeitos que fogem ao padrão normativo (Ferreira & Reis, 2021). Ao organizar o corpus empírico a partir dessas categorias, tornou-se possível não apenas identificar os padrões discursivos recorrentes, mas também compreender como a linguagem atua como tecnologia de poder, normalizando a vigilância dos corpos e a exclusão das identidades que não se encaixam nas expectativas hegemônicas de gênero e sexualidade.

Análise dos registros

A seguir, apresenta-se a grelha de análise com as unidades de registro (falas dos jurados), suas unidades de contexto, categorias e interpretações.

REGISTRO A:

Registro	[00:02:56 – 00:03:10] "Acho que o Bruno ele sabia muito bem o que 'tava fazendo. Porque ele falou assim "vou o estereótipo e vou botar uma CBF, direto daqui pra manifestação". E aí, acho que ele está tentando enganar a gente. Ele tem uma estrutura corporal e facial também muito de gay." (JURADO 2)
Contexto	Participantes avaliam um homem com roupa "masculinizada"
Categoria temática	Performatividade e coerência de gênero (Butler, 2022b; Borba, 2020; Moita Lopes, 2022)

A fala expressa a expectativa de coerência entre roupas, comportamento e desejo. Camisas de time são marcadas como "coisas de hétero" (Agner, 2025), e seu uso por alguém lido como gay é percebido como estratégia de disfarce, o que demonstra a rigidez das normas de inteligibilidade de gênero.

REGISTRO B:

Registro	[00:03:35 – 00:03:38] "Eu acho que ele é bicha! Não é nem gay, não, é bicha mesmo!" (JURADO 2)
Contexto	Jurado reforça seu palpite sobre a orientação do participante.
Categoria temática	Violência simbólica (Borba, 2020; Ferreira & Reis, 2021)

Aqui, há uso de um termo pejorativo de maneira intensificadora, marcando não apenas a orientação sexual, mas também o modo de performar gênero (BUTLER, 2018). A fala demonstra como a linguagem opera para hierarquizar (PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2022) dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+.

REGISTRO C:

Registro	[00:04:43 – 00:04:45] "Então, mas eu achei que foi um olhar forçadamente açucarado, entendeu?" (JURADO 4)
Contexto	Jurado descreve um participante ao justificar seu palpite sobre sua sexualidade.
Categoria temática	Estereótipos de gênero (BUTLER, 2022b; BORBA, 2020)

O jurado associa características como sorriso e olhar a um tipo específico de masculinidade tida como "gay", reforçando a expectativa de que sujeitos homossexuais devem se apresentar de forma mais sensível ou feminina (Miranda Ramos & Cerqueira-Santos, 2020). A ideia de "olhar açucarado" exemplifica como signos corporais são lidos como "marcadores" da sexualidade (Butler, 2018).

REGISTRO D:

Registro	[00:05:22 – 00:05:26] "A gente acabou de acabar com toda masculinidade aqui na frente dele." (JURADO 1)
Contexto	Participante comenta sobre a brincadeira após um palpite coletivo.
Categoria temática	Violência simbólica e exclusão (BORBA, 2020; FERREIRA & REIS, 2021)

O discurso reconhece a própria prática de exclusão simbólica e constrangimento. Trata-se de um momento em que o riso é usado como forma de justificar a desqualificação da identidade do outro (NUNES, 2006).

Tratamento dos resultados e interpretação

Os resultados foram quantificados e cruzados para identificar padrões e relações entre as categorias das falas dos jurados e participantes, observou-se que as categorias mais recorrentes na análise foram performatividade de gênero, violência simbólica e estereótipos de sexualidade.

A categoria da performatividade se fez presente, sobretudo, nos momentos em que as falas indicavam uma expectativa de coerência entre a roupa usada pelos participantes e o desejo suposto. Comentários como “a camisa de time é só pra enganar” revelam que elementos visuais, como vestimentas, são interpretados como tentativas de mascaramento ou dissimulação da “verdadeira” sexualidade (AGNER, 2025; BUTLER, 2022b). A leitura do corpo como “texto legível” aparece com força nesse ponto, evidenciando como se espera que o corpo comunique de forma transparente uma identidade estável, o que, segundo Butler (2022b), sustenta a matriz de inteligibilidade de gênero e reforça a vigilância normativa sobre os sujeitos.

No campo da violência simbólica, as ocorrências foram marcadas principalmente pelo uso de termos pejorativos e por enunciados que reforçam a exclusão de certos sujeitos. Expressões como “bicha mesmo” ou “acabamos com a masculinidade dele ao vivo” não apenas operam como insultos, mas também constroem zonas de legitimação e ilegitimidade. Essas falas reforçam o papel da linguagem como dispositivo de dominação simbólica, conforme discutido por Ferreira e Reis (2021), operando sob o disfarce do humor ou da leveza, mas produzindo efeitos materiais de constrangimento e silenciamento.

Já a categoria dos estereótipos apareceu associada à maneira como os jurados associam certos gestos, modos de andar, olhar ou sorrir à orientação sexual dos participantes. Trata-se de um processo de categorização reducionista, em que traços visuais ou performativos são tomados como sinais inequívocos de identidade. Esse tipo de leitura é sustentado por uma visão essencialista e binária dos corpos e desejos, que, ao reforçar estereótipos, acaba por estreitar o campo do possível para as expressões não normativas de gênero e sexualidade.

Nota-se que a violência simbólica frequentemente ocorre em conjunto com a performatividade, indicando que a avaliação da performance de gênero é um gatilho para práticas excludentes. Também foi possível identificar um alto grau de ambivalência nas falas, onde o mesmo jurado pode reforçar estereótipos e, ao mesmo tempo, reconhecer (ainda que de forma enviesada) a artificialidade do “jogo”.

Inspirada por uma Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; NUNES, 2006; PENNYCOOK, 2006) e queer (LIVIA & HALL, 1997; BORBA, 2020; DE LAURETIS, 1991), entende-se que as identidades são construídas na interseção de múltiplos eixos de poder, como raça, classe e colonialidade. Nesse sentido, é proposta uma crítica decolonial para questionar como as próprias categorias de “gênero” e “sexualidade” são produtos de um epistemicídio identitário que apagou outras formas de existência, cf. Landulfo & Matos (2022). Conceitos como colonialidade do ser, segundo Couto & Jovino (2021), e colonialidade da

linguagem (baptista, 2022) ajudam a entender como a matriz heteronormativa se entrelaça com a hierarquização racial proveniente do colonialismo. O racismo linguístico (silva, 2022), por exemplo, é a prática que inferioriza variedades linguísticas associadas a grupos racializados, operando em conjunto com a LGBTfobia para produzir sujeitos abjetos.

Portanto, analisar o vídeo sobre "gaydar" é também investigar como a linguagem participa de um sistema mais amplo de regulação social que é simultaneamente heterossexista, racista e colonial. A leitura de corpos e performances no vídeo não é neutra: ela é informada por estereótipos que são profundamente racializados e classistas, evidenciando como a normatividade de gênero é indissociável de outros projetos de poder. A linguística queer, quando tensionada por essas perspectivas, revela-se uma ferramenta potente para dismantelar as bases discursivas que sustentam a violência e promover uma ética discursiva verdadeiramente inclusiva.

Conclusão

A análise do vídeo *Testando Seu Gaydar ft. Ismeiow e Ranozera*, à luz da linguística queer, dos estudos sobre violência linguística e da perspectiva interseccional, permitiu evidenciar como discursos de entretenimento operam na produção e na manutenção de normas sociais que regulam corpos, performances e desejos.

O vídeo reforça de forma contundente as normas cis-heteronormativas ao propor que a sexualidade de uma pessoa possa ser adivinhada com base em estereótipos visuais. A própria estrutura da “brincadeira” naturaliza a ideia de que a sexualidade deve ser legível, pública e verificável, submetendo os corpos a um constante escrutínio. A análise demonstrou que tal prática não é inofensiva: ela ativa e reitera uma matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2018), que exige coerência rígida entre corpo, performance e desejo. Ao classificar e hierarquizar os participantes com base nessa matriz, o vídeo atua como um dispositivo de regulação social, punindo simbolicamente as performances dissidentes e celebrando aquelas que confirmam a norma.

Dentre os achados, a naturalização da violência simbólica mostrou-se o aspecto mais evidente e perturbador. A fala “a gente acabou de acabar com toda masculinidade aqui na frente dele” é emblemática: não apenas explicita a exclusão, como também a celebra, transformando a humilhação simbólica em recurso cômico para o entretenimento digital. Essa banalização do constrangimento, por meio de termos como “bicha” e da leitura caricata de gestos, como o “olhar açucarado”, evidencia o modo como a violência linguística (SILVA, 2022; FERREIRA &

REIS, 2021) opera como um mecanismo socialmente tolerado de policiamento de identidades dissidentes.

A opção por analisar um vídeo de entretenimento mostrou-se profundamente relevante porque é precisamente nesses contextos supostamente "leves" e "apolíticos" que as normas sociais são mais eficazmente naturalizadas e reproduzidas. O discurso humorístico funciona como um "cavalo de Troia" ideológico, onde preconceitos são reforçados sob o álibi da brincadeira. Estudar esses espaços é, portanto, crucial para compreender como a linguagem cotidiana e midiática não apenas reflete, mas produz ativamente realidades sociais, perpetuando relações de poder e exclusão de modo quase imperceptível.

Referências

- AGNER, João. **O homem e as camisas dos times de futebol: o que leva o hétero e o LGBTQIAPN+ ao uso?** Agência UVA, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://agenciauva.net/2025/04/16/o-homem-e-as-camisas-dos-times-de-futebol-o-que-leva-o-hetero-e-o-lgbtqiapn-ao-uso/>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- BAPTISTA, Lívia. Colonialidade da linguagem. LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas, SP: Pontes, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015. 288 p.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 367-400, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BORBA, Rodrigo (org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora UNESP, 2022.
- COUTO, Ligia Paula; JOVINO, Ione da Silva. Colonialidade do ser. LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas, SP: Pontes, 2022.
- DE LAURETIS, Teresa. **Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities**. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 3, n. 2, p. iii-xviii, 1991.
- DE MIRANDA RAMOS, Mozer; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, p. 159-172, 2020.

- DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-42.
- WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Gaydar**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gaydar&oldid=67145044>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- GUIMARÃES, Thayse Figueira; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Preâmbulo: a entretualidade, a indexicalidade e a performatividade. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social**. São Paulo: Parábola, 2022.
- LIVIA, Anna; HALL, Kira. **Queerly phrased: language, gender, and sexuality**. New York: Oxford University Press, 1997.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social**. São Paulo: Parábola, 2022.
- NUNES, Cynthia D. A teoria queer em linguística aplicada: enigmas sobre “sair do armário” em sala de aula globalizadas. MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- SILVA, Danilo da Conceição Pereira. Violência linguística. LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas, SP: Pontes, 2022.
- SINGH, Shubham. **How many people use YouTube?: 2025 active users data**. DemandSage, 2025. Disponível em: [https://www.demandsage.com/youtube-stats/#:~:text=O%20YouTube%20tem%20mais%20de,usu%C3%A1rios%20ativos%20mensais%20\(MAU\)](https://www.demandsage.com/youtube-stats/#:~:text=O%20YouTube%20tem%20mais%20de,usu%C3%A1rios%20ativos%20mensais%20(MAU)). Acesso em: 3 ago. 2025.
- WILSON, Victoria; GOMES, Gysele da Silva Colombo; ABRITTA, Carolina Scali (org.). **Violência verbal: interfaces, interação e implicações sociais**. Campinas, SP: Pontes, 2024.

Resumo: Este artigo analisa o vídeo *Testando Seu Gaydar Ft. Ismeiow e Ranozera*, do canal NoodTV, com foco em como discursos de entretenimento reproduzem normas cis-heteronormativas. A pesquisa fundamenta-se na Linguística Queer (Livia & Hall, 1997; Borba, 2020), na teoria da performatividade de gênero (Butler, 2018). O método é qualitativo e interpretativo (Dezin & Lincoln, 2006), com análise de conteúdo (Bardin, 2015) baseada na transcrição de um recorte do vídeo. As falas foram organizadas em três categorias: estereótipos de gênero e sexualidade; performatividade e coerência de gênero; e violência simbólica. A análise revelou que a dinâmica do “gaydar” legitima a leitura visual da sexualidade e naturaliza a exclusão, mesmo sob o rótulo de “brincadeira”. Conclui-se que práticas midiáticas

aparentemente neutras operam como dispositivos de poder. A pesquisa destaca o papel crítico da linguagem nos estudos sobre gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Linguística queer; Performatividade; Violência simbólica; Entretenimento midiático; Gaydar.

Abstract: This article analyzes the video *Testando Seu Gaydar ft Ismeiow and Ranozera*, from the NoodTV channel, focusing on how entertainment discourses reproduce cis-heteronormative norms. The research is grounded in Queer Linguistics (Livia & Hall, 1997; Borba, 2020) and gender performativity theory (Butler, 2018). The method is qualitative and interpretative (Dezin & Lincoln, 2006), with content analysis (Bardin, 2015) based on the transcription of a clip from the video. The statements were organized into three categories: gender and sexuality stereotypes; performativity and gender coherence; and symbolic violence. The analysis revealed that the dynamics of "gaydar" legitimize the visual interpretation of sexuality and naturalize exclusion, even under the label of "play." It concludes that seemingly neutral media practices operate as devices of power. The research highlights the critical role of language in studies on gender and sexuality.

Keywords: Queer linguistics; Performativity; Symbolic violence; Media entertainment; Gaydar.

Recebido em: 10/2/2026.

Aceito em: 14/4/2026.